

ECOFEMINISMO: cuidado da vida, cuidado de si

Angelica Rente

“Nenhuma tentativa de libertar as mulheres (ou qualquer outro grupo oprimido) terá sucesso se não houver uma tentativa igual para libertar a natureza”. Essa é a premissa da qual parte Greta Gaard. Para a escritora e documentarista, uma das principais ativistas do movimento, “o ecofeminismo convoca o fim de todas as opressões. Sua base teórica é um sentido de identidade mais comumente expresso pelas mulheres e por vários outros grupos não dominantes – uma identidade que está interconectada com toda a vida”.

O Ecofeminismo ganhou recente projeção mundial devido a conscientização sobre a emergência climática planetária, protagonizado pela ativista sueca Greta Thunberg. Juntam-se a ela outras jovens mulheres, entre elas a canadense Autumn Peltier e a brasileira Artemisa Xakriaba.

Este conceito amplia a noção do feminismo, que busca a igualdade de condições e direitos para mulheres e homens, considerados genericamente humanos. Ao acrescentar a estes os seres não-humanos, como animais e entes da natureza, inclusive a própria terra, o ecofeminismo considera que o mesmo conjunto de ideias que embasa as relações de opressão com base em gênero, classe, etnia, idade, sexualidade, capacidades físicas e mentais e espécie justifica também a opressão da natureza. É este modelo, embasado no pensamento capitalista e patriarcal, que autoriza a exploração e destruição indiscriminada dos recursos naturais, como as águas, os minérios, o solo e as florestas.

Sendo assim, não é de se estranhar que os movimentos ambientalistas contemporâneos sejam capitaneados fundamentalmente por mulheres, como a indiana Vandana Shiva, física e ativista pelos direitos da terra que defende a ideia das sementes livres, ou seja, o impedimento de que corporações reivindiquem a patente por sementes, especialmente as de plantas de uso tradicional. Podemos citar também a bióloga e professora queniana Wangarii Maathai, falecida em 2011 e primeira mulher africana a receber o Prêmio Nobel da Paz. Maathai fundou o Green Belt Movement, protagonizado majoritariamente por mulheres e dedicado à plantação de árvores com a finalidade de deter a erosão dos solos e aumentar sua fertilidade, além de produzir madeira para uso na construção civil e como combustível renovável.

O ecofeminismo tem em conta que as mulheres, especialmente as pobres e as habitantes de áreas menos industrializadas, são a população que mais sofre o impacto das mudanças climáticas, já que, tradicionalmente, são elas que cuidam da alimentação e da vida em geral das crianças e pessoas idosas. O movimento surgiu da confluência entre os movimentos feministas, ambientalistas, pela paz, pela saúde da mulher e pelos direitos das espécies não-humanas.